

*PREFÁCIO**

Maria Luísa Malato

Sei um ninho

O que queremos fazer com esta publicação não é somente uma homenagem a Miguel Torga. Mais do que uma homenagem a um autor (um ritual venerável, mas demasiado inquieto quanto à canonicidade), interessa-nos homenagear o tipo de conhecimento que Miguel Torga representa. Com efeito, a leitura continuada da obra de Miguel Torga, passada de geração em geração, assegura um saber nuclear. Esse saber não é exclusivamente estético ou ético, realista ou religioso, social ou moral, político ou filosófico. No limite, esse saber dispensa todo o saber parcial, quer por ser estético quer por ser ético. Miguel Torga não está interessado em ser literário, em escrever Literatura. Também não parece interessado no que a Literatura pode ou não dizer sobre o pensamento não-literário. O que lhe interessa, o que nos interessa na sua obra, é a coesão que não separa (modelarmente nele e consequentemente em nós, os seus leitores) um ser humano que pensa de um ser humano que escreve, um ser humano que escreve de um ser humano que age. Esse saber é um projeto, mas como projeto nada tem de ambíguo: “O meu projeto de vida sempre fora o mesmo: cumprir-me. Ser como homem uma autenticidade tática e como artista uma lição expressa”. O espaço em que tal projeto se inscreve é um ninho. Saber um ninho não é “saber de um ninho”. “Saber um ninho” é pensar uma muito bem determinada forma de estar, de existir e de agir, que sempre nos pode e deve interessar.

E o ninho tem um ovo

O ninho é a paisagem do ovo. Desconfiemos assim do caráter “telúrico” de Miguel Torga. O adjetivo “telúrico” é temível: pode levar quem não lê Torga, mas lê quem não o lê, a pensar que se trata de um escritor regional

*Nota dos Organizadores: Mais do que um resumo do presente volume de ensaios, onde se analisasse sumariamente o contributo de cada um dos textos recolhidos, este livro inicia-se com um Prefácio que é, ele próprio, um ensaio, onde a autora, fazendo a devida chamada de atenção do leitor para cada um dos ensaios, acaba por desenvolver a sua própria perspectiva acerca não só do conteúdo do livro, como, acima de tudo, expressando a sua visão sobre Miguel Torga, no diálogo entre Filosofia e Literatura.

ou regionalista, um escritor transmontano, marcado por uma ruralidade que pouco já diz a leitores que se julgam urbanos. Mais uns anos e, se não é lido, ainda o julgam de uma portugalidade anacrónica. Ora nada há de mais errado em tal sentido “telúrico”. É mais complicado e bem mais simples: o ninho “tem um ovo”. Cada ovo tem, e não só na leitura simbólica, uma parte densa e uma parte leve, um conteúdo e um continente, e em germe a combustão da vida. Em Miguel Torga, há tanto de telúrico como de marítimo, aéreo ou feroso: todos os elementos nele se reúnem, para em todos estar e em nenhum se fixar. O Marão não é para ele uma muralha. O Marão é o portão do Génesis: “Atravessa-se o Marão e entra-se logo no Paraíso! Pelo menos vê-se Nosso Senhor Jesus Cristo em carne e osso, e anda-se com ele de camioneta”. Portugal não é um país. Portugal é um ninho: um cadilho do mundo, uma aventura, um problema por resolver: “Foi a procurar entendê-lo que compreendi alguma coisa de mim [...] Descobri mundos e ando repartido por eles. Tenho também oitocentos anos de idade e pareço uma criança”.

E o ovo, redondinho

Há depois, na obra de Miguel Torga, uma liberdade exemplar, que advém de tudo o que já foi dito. Desde logo desta sua grande parecença com uma criança. A liberdade infantil de Miguel Torga é a causa da sua matura indiferença pelos caminhos. Em Miguel Torga, como para uma criança, tudo é caminho. Um ensaísta deste volume recorda a herança genética híbrida daquele avô almocreve que calcorreava o país, e do pai, agarrado à terra, a erguer uma videira. Haja Confiança: “O que é bonito neste mundo, e anima,/ é ver que na vindima/ de cada sonho/ Fica a cepa a sonhar outra aventura”. E por isso tanto faz ir por um caminho ou por outro, viajar ou ficar. O ninho ficou na memória do ovo: “Por mais fortuna que tenham pelo mundo a cabo, é com o ninho onde nasceram que sonham noite e dia”. Mas se o mundo, como um ovo, é redondinho, o que interessa é ser “um sismógrafo hipersensível que regista os estremecimentos do mundo e de si próprio”. O que a criança espregueira no ovo ou o que o sismógrafo regista no papel (ou o poeta menciona no poema) não é muito diferente: são tremores da vida que palpita debaixo da casca que os esconde. Tudo na natureza é interessante e nos dá sinais dessa palpitação da vida: o ovo, o papel, a espuma, a folhagem, o canto, o vento, a cepa, a trança, e até a cidade quando nela se mantém a suspeita de uma “vida tão viva”: “O Poeta é uma criança / Que devaneia».

Tem lá dentro um passarinho

Quanta certeza é precisa para escrever um verso assim? Certamente muita. Para o escrever é necessária uma fé: a vida há de vingar, sabe a criança. É como se fosse óbvia uma lei da natureza: o ovo de um passarinho há de ter um passarinho, afiança o sismógrafo. “Tem lá dentro um passarinho”: há nesta certeza tanto impulso quanto ciência. E por isso o poeta, (por) que possui ambos, é um ser persistente. Não é por acaso que Miguel Torga descreve o artista como um “animal obstinado”. O animal é um especialista em sobrevivência e sabe destas coisas, por intuição e experiência. Do animal (e da criança e do sismógrafo) o artista colhe também esta ausência de um espelho em que se quer narcisicamente rever quando pensa, escreve ou age. Em múltiplas situações, Miguel Torga se vê Tântalo, ou Sísifo, ou Penélope, ou Adão. Mas se esta sua obstinação é ainda “tática”, até manhosa, ela parece ignorar a admiração de qualquer audiência, a começar pela primeira de todas, ele próprio. A criança não trabalha para a sua infância: o “eu” não ouve a sua subjetividade. O sismógrafo não trabalha para a sua verdade: o “eu” não conforma a sua objetividade. A criança e o sismógrafo trabalham, como o animal, para a sobrevivência de uma voz terceira que neles persiste: “Assim eu canto sem me ouvir cantar”.

Novo

Há na novidade tanto de trágico quanto de épico. Vê a gente uma criança e, se tem consciência, desanima por tudo o que tem de ser feito a partir do quase nada. Olha a gente outra vez a mesma criança e conscientemente se deixa tomar pela esperança de fazer mais, de novo, e melhor. Na obra de Miguel Torga espreita ora a tragédia, ora a epopeia da mudança, quase sempre ambas. Como se nunca pudéssemos permanecer no Paraíso e a aventura tivesse de recomeçar nesse “Adão paradoxal, expulso da inocência sem culpa e sem explicação”. Um dos seus últimos poemas remete para os primeiros, aqueles em que se votava esperançadamente ao cumprimento desse projeto nuclear, quando desejava ser “como homem uma autenticidade tática e como artista uma lição expressa”. Escreve Miguel Torga à beira da sua morte: “[...] o destino não quis/ que eu me cumprisse como porfie”. O que resta quando olhamos os poucos anos a vida nos promete já? O ninho tem lá dentro um passarinho novo e, todavia, o eterno retorno (ou a solidão) lhe pesa, nos pesa, por vezes, como deve ter pesado a Tântalo, a Sísifo, a Penélope ou a Adão. Curiosos os versos finais de quem se não cumpriu. Algo novo permanece, ambigualmente trágico, uma luta épica, com laivos de superioridade cósmica

e cómica: “Rio feliz a ir de encontro/ ao mar/ desaguar/ e, em largo oceano, eternizar/ o seu esplendor torrencial de rio”.

Mas escusam de me tentar

É inegável a importância que a mitologia judaico-cristã tem na obra de Miguel Torga: “eu sou uma natureza religiosa”, afirmação bem diferente daquela que lhe subjaz, frequente na linguagem comum (“eu tenho uma natureza religiosa”). Ser uma natureza religiosa exige uma convivência mais terrena com o sagrado, uma espécie de comunhão, ou melhor, de consubstanciação da hóstia, porque discute a leitura simbólica ainda quanto a utiliza. A criação do Mundo existe em cada nascimento. E por isso nascia, morria e renascia, aninhado na cama, a ouvir a Páscoa na aldeia, lá dentro: “Aninhado na cama, sentia um arrepio a ouvir cada advertência terrível. Aquelas palavras anónimas, fúnebres, regeladas, que pareciam vir do outro mundo, entravam-me na consciência como punhais. Avivavam nela a imagem dolorosa da primeira noite da minha vida”. É por isso que o escusam de tentar. Nunca o verão separar o que está em cima do que está em baixo, ou escolher entre o que está fora e não está dentro: “das trevas do meu próprio espírito ressuscitava um Cristo redentor que humaniza a morte e sacraliza a vida. Um Cristo que, afinal, eu nunca traíra, apesar de muitas vezes o haver negado”. Escusam de o querer adulto: “Em vez de ser um crente adulto confiado, sou um temente infantil desconfiado”.

Nem o tiro, nem o ensino

Miguel Torga é um praticante da Ritmanálise, de Lúcio Pinheiro dos Santos ou de Bachelard. Declina o Eclesiastes até o tornar uma utopia de fraternidade: um tempo para tudo, um espaço para cada coisa, porque tudo coexiste: “O estável no instável, o estremado no desmedido, a permutação circular. A lei sem a letra. A ordem natural, visível. O equilíbrio do universo físico, a harmonia do real. O homem, em vez de escravizado ao futuro e sem pé no presente, integrado no tempo cíclico das estações, entanguido ou abrasado como elas, periódico também nos gestos essenciais, a semear em maio e a colher em setembro. A constância das forças elementares, a fonte a jorrar de Inverno e a secar de Verão, o pássaro a fazer ritualmente o seu ninho”. Nem o tiro, nem o ensino: talvez porque nada tira, nada nos quer ensinar. Miguel Torga não nos deixa receitas, estéticas ou éticas. Incomodam-no “as camisas de força”, estejam elas nos géneros literários ou nos movimentos

políticos: “queria uma arte enraizada no social, se em verdade havia alguma que o não estivesse. Exigia, no entanto, que nenhuma realidade, por mais premente, esmagasse o artista e o privasse da liberdade criadora. Individualista impenitente, opunha-me ao cantochão coletivo, à negação do variado e do múltiplo”. Nem o tiro nem o ensino.

Quero ser um bom menino

Miguel Torga deixou um “Aviso”: “Um Deus que me queira, um dia,/ Depois desta penitência/ De viver,/ Se me não der a inocência/ Que perdi,/ Terá o desgosto de ver/ Que de novo lhe fugi./ Quero voltar a criança,/ À meninice dos ninhos”. Os bons meninos de Torga portam-se sempre um pouco mal aos olhos dos homens que sabem onde está Deus. Criança boa e traquina. O próprio amor é uma viagem ao inverso: “Não sei amar, eu amo o que me foge”. Devolve-nos à meninice dos ninhos, quando andávamos a espreitar os ovos: mato ou não? “Nasce mais uma vez,/ Menino Deus! Não faltas que me faltas/ Neste Inverno gelado./ Nasce nu e sagrado/ no meu poema,/ Se não tens um presépio mais agasalhado./ Nasce e fica comigo secretamente/ até que eu, infiel, te denuncie/ Aos Herodes do Mundo./ Até que eu/ Incapaz de me calar,/ Devasse os versos e destrua a paz/ que agora sinto, só de te sonhar”.

E guardar

Não lhe interessa tirar, nem ensinar. Afinal talvez só lhe interesse guardar, talvez para conservar, talvez para transmitir. Será por isso que Miguel Torga nos interessa tanto, pelo que ele guardou para nós, traindo antes de mais a solidão de cada um e a sua? “Sempre ouvira dizer que todos os passos importantes da vida de um indivíduo eram assim. A pessoa a nascer sozinha e a amar sozinha”. Noutro texto, escrevera: “Continuava cada vez mais convencido de que o homem, embora condenado a um destino social, começava por ser um indivíduo. Dizia-mo o entendimento e mostrava-mo diariamente a prática médica [...]. Nascia-se sozinho, sofria-se sozinho, morria-se sozinho, por muito amor e solidariedade que houvesse no mundo. Que havia, felizmente, apesar de tudo”. Para salvar um filósofo que não escrevia, também um dia Platão escreveu sobre ele, e traiu o mestre. Para voltar à caverna, é preciso trair o que nos levou a sair dela: “Porque só a beleza nos arranca à solidão e nos une na mesma comunhão fraternal”...

Este segredo comigo

Trai-se o segredo escrevendo o segredo. Ainda que depois se atire um papel ao poço ou chega a vaga a apagar a jura feita na areia. “Nasce e fica comigo secretamente/ até que eu, infiel, te denuncie/ Aos Herodes do Mundo”. “Sei um ninho”. Não se falando então de Literatura-Mundo. Não existindo ainda sonho algum de uma História Global, como se pode entender esta estranha *Weltliteratur* de Miguel Torga? “Que escolas havia na metrópole a ensinar ao mundo uma antropologia abissal dos povos – negros, islâmicos, judaicos – que o destino nos dera por companheiros na via sacra da história? Onde estava uma literatura digna de tal nome que fosse a cristalização deslumbrada desses encontros cruciais de raças e sangues? Até os próprios missionários, apesar de serem os últimos portadores do testemunho quinhentista, se enganavam a si mesmos quando, no seu optimismo apostólico, faziam tábua rasa da potencialidade irredutível da consciência autóctone, sobrepondo candidamente a um sagrado natural identificador, um sobrenatural alienador”.

E ter depois um amigo

Da paisagem irrompe o nome do poeta. A torga é outro nome da urze. Não é por acaso que tantos ensaístas deste volume referem a paisagem. Paisagem/ Paisagens aparece 123 vezes neste livro. Paisagem vem de “país”. A paisagem é o nosso país. A paisagem é aquela parte da terra em que o nosso corpo se movimenta de forma de forma familiar: reconhecemos como familiar o que os nossos olhos alcançam. A paisagem é o espaço que os nossos pés de criança percorreram, aquele onde ganharam confiança: “é que só nele [no ninho] se exprimem corretamente, estão certos nos gestos, são realmente quem são”. Fora do país ficamos bárbaros, falamos do que não sabemos. Chamamos “paisano”, rural e por isso não urbano, ao habitante do país, ao que mora na paisagem. Mas, muitas vezes, um paisano tem de chegar a Itália para descobrir a extensão do seu país: “O mundo que trazia nos sentidos e no entendimento parecia-me bárbaro, ao lado de tanta sensibilidade, de tanta finura, de tanto requinte. Revelado na pedra, na tela, no bronze ou na simples maneira de ser, tinha diante de mim um universo humano singular, aberto a todas as aventuras e capaz de todas as realizações”.

Que faça o pino

Essa auscultação da vida não é Literatura. É poesia, que nem sempre, ou em todos, obriga à escrita: “junto o meu canto de homem natural/ ao grande

coro dessa poesia”. A Poesia, no seu étimo grego, significa “ato de fazer”. Fazer o pino é próprio do artista. O artista tem a técnica bem-sabida: o gesto preciso para cada ato, a figura exata para dar forma ao que quer dizer. Se sabe o manual é para o transgredir, não porque vise a transgressão, mas porque visa a eficácia. O cavador que enrola a videira é um bom artista. O marujo que escolhe o nó da vela é um bom artista. Ser um bom artista é não apertar demasiado o barro, mas acariciá-lo até ele ganhar a forma. Não malhar excessivamente no ferro, mas ter força para o bater na bigorna. O português do povo tem formas que só a Camões lembra: dizem todos “sei um ninho” ou “havemos de ver”: “Língua de cavadores, esta nossa, quanto mais se leva à bigorna, menos presta”. Difícil é esse equilíbrio, próprio do pássaro.

A voar...

As citações de Miguel Torga usadas neste Prefácio foram, com uma exceção, retiradas dos vários artigos que compõem no livro. Procuram ser representativas dos temas que o leitor pode ir encontrando desenvolvidos. Mais do que resumos, usualmente apresentados em prefácios do jaez, estes parágrafos são parábolas para o leitor. Cada verso fala assim de uma razão para ler Miguel Torga.